

2ª PARTE

ESTUDOS

Myra e a Esfera Social

Daniel Floquet²⁶

Myra (2008), último romance da escritora portuguesa Maria Velloso da Costa, narra o drama de uma jovem russa, imigrante ilegal em Portugal, após sua fuga de um bordel na região da Costa da Caparica, onde era mantida refém com o consentimento de seus próprios pais. Myra escapa de seus captores logo na abertura do romance e passa a viver como pária, fugindo pelo interior português e sonhando em retornar a sua terra natal, mesmo ciente das poucas chances de realizar tão distante objetivo. Essa condição exerce importante papel na composição da personagem, especialmente pelo modo como pulveriza as dicotomias público/privado, certo/errado e vida/morte, desaparecimentos que auxiliam a entender o trágico final da obra.

É Hannah Arendt quem fornece uma interessante análise histórica sobre o desvanecimento da distinção entre as esferas pública e privada, processo que, segundo a autora, inicia-se com o surgimento de uma terceira esfera, a esfera social, que, desde o início da Era Moderna,²⁷ vem englobando todas as características das duas primeiras, atingindo seu auge de desenvolvimento com a sociedade de massas do século XX.

É preciso estar ciente do próprio percurso histórico realizado pelo raciocínio de Arendt para que se possa entender como a esfera social pôde firmar-se deste modo. Partindo primeiramente de um contraste com a civilização grega antiga, Arendt afirma que esta se organizava em torno de uma bem definida distinção entre as esferas

26 Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Porto

27 A palavra “moderna” possui um significado bastante polivalente que pode dificultar, às vezes, a sua devida contextualização para o leitor. A fim de evitar este risco, é necessário explicitar que Arendt define como «Era Moderna» o período compreendido entre o início do século XVII e meados do século XX. O surgimento da sociedade de massas e a Guerra Fria dão início a um novo estágio da modernidade (ARENDT 1958: 13-14).

da família (privada) e da política (pública). Havia entre as duas uma assumida hierarquia: à esfera da família, ficava reservada a atividade do labor, ou seja, toda a atividade necessária para a sobrevivência da espécie. Era considerada inferior precisamente porque a necessidade de companhia e a manutenção de alimentos, por exemplo, são carências que a espécie humana tem em comum com a espécie animal (ARENDT 1958: 33).

Por esta razão, a esfera da *polis* representava a esfera da liberdade, o espaço destinado aos homens para que pudessem atingir a excelência:

A *polis* diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer «iguais», ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar. (...) Assim, dentro da esfera da família, a liberdade não existia, pois o chefe da família, seu dominante, só era considerado livre na medida em que tinha a faculdade de deixar o lar e ingressar na esfera política, onde todos eram iguais. (*idem*: 41-42)

Dessa forma, apesar de inconfundíveis, as duas esferas eram indissociáveis, e a necessidade destes dois aspectos era tida como axiomática pelo povo grego (*idem*: 47).

A deterioração do abismo entre o público e o privado começa na Idade Média. Conforme explica Arendt, as sociedades feudais, sob influência do pensamento cristão,²⁸ organizaram-se em torno do modelo de família. Em termos práticos, isso significou a promoção das atividades da esfera familiar para a esfera pública, ou seja, o que antes constituía uma preocupação exclusivamente privada passou a ser entendido, e exercido, enquanto uma preocupação comum a toda

28 Dos quais são exemplos a crença na vida extraterrena e a subsequente desvalorização do mundo físico (*idem*: 43), assim como a valorização da caridade e do amor ao próximo (*idem*: 62).

a comunidade, o que resulta na absorção da esfera pública pela sua contraparte (*idem*: 43).

Arendt aponta dois indícios dessa transformação: em primeiro lugar, o próprio exercício do poder do Senhor Feudal, que abrangia todos os limites de seu reino, inclusive o espaço sagrado do lar (*idem*: 44), e não somente a esfera pública, como ocorria com os governantes das cidades-estado gregas (*idem*: 36); em segundo lugar, a organização das próprias atividades profissionais de acordo com o molde familiar: são os casos das companhias comerciais, das guildas e das confrarias (*idem*: 44).

Com o advento da Era Moderna e o surgimento do estado nacional, essa organização familiar de todas as atividades atinge uma proporção ainda maior, o que dificulta, hoje, equacionar uma diferença satisfatória entre as esferas pública e privada:

Em nosso entendimento, a linha divisória é inteiramente difusa, porque vemos o corpo de povos e comunidades políticas como uma família cujos negócios diários devem ser atendidos por uma administração doméstica nacional e gigantesca. (*idem*: 37)

É por isso que, no entender da autora, o estado nacional trouxe consigo o surgimento da esfera social, que ela define como uma esfera híbrida, «nem pública nem privada no sentido restrito do termo» (*ibidem*):

(...) o que chamamos de «sociedade» é o conjunto de famílias economicamente organizadas de modo a constituírem o fac-símile de uma única família sobre-humana, e sua forma política de organização é denominada «nação». (*idem*: 38)

Uma das principais consequências negativas desta organização macrofamiliar é a substituição da «ação», ou seja, a principal marca da individualidade humana, pelo que Arendt denomina «comportamento», ou «conformismo» (*idem*: 49). Ocorre porque, do mesmo modo

que no espaço do lar, a sociedade acaba por impor aos seus membros que “ajam como se fossem membros de uma enorme família dotada apenas de uma única opinião e de um único interesse” (*ibidem*).

Pode-se, sem dúvida, entender esta equalização da sociedade como uma forma de valorizar o sentimento de igualdade entre os seres humanos. Contudo, Arendt salienta que esta “igualdade” é diametralmente oposta à definição corrente nas cidades-estado gregas, onde era sinônimo, como já indicado acima, do direito à individualidade. Nas palavras da autora:

a vitória da igualdade no mundo moderno é apenas o reconhecimento político e jurídico do fato de que a sociedade conquistou a esfera pública, e que a distinção e a diferença reduziram-se a questões privadas do indivíduo. (*idem*: 51)

Porém, o conceito de “privado” apontado na passagem acima não está associado à ideia de “privação”, que era o modo como a Antiguidade Clássica entendia a esfera da família, e sim como proteção daquilo que é íntimo (*idem*: 48).

Sem uma distinção clara entre as esferas pública e privada, é a esfera da intimidade a única a contrapor à esfera social, mas o advento da sociedade de massas parece pôr fim a qualquer resistência:

Desde o advento da sociedade, desde a admissão das atividades caseiras e da economia doméstica à esfera pública, a nova esfera tem-se caracterizado principalmente por uma irresistível tendência de crescer, de devorar as esferas mais antigas do político e do privado, bem como a esfera mais recente da intimidade. (*idem*: 55)

Essa fusão do público e do privado no social inibe também o pleno desenvolvimento de algumas características que apenas se reforçariam com sua divisão. No caso do desaparecimento da esfera pública, há o já apontado enfraquecimento da pluralidade de perspectivas:

Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, numa variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que vêem o mesmo na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo manifestar-se de maneira mais fiel e fidedigna. (*idem*: 67)

Mas pode-se somar a este aspecto o fato de que a interação entre os seres humanos parece carente de propósitos sem uma função definida para o espaço público, como era a busca por excelência, na questão grega, ou o mundo extraterreno, na questão medieval. Na sociedade de massas, além da necessidade biológica da espécie, a satisfação da riqueza é o que cumpre o papel de elo entre os indivíduos:

Logo que passou à esfera pública, a sociedade assumiu o disfarce de uma organização de proprietários que, ao invés de se arrogarem acesso à esfera pública em virtude de sua riqueza, exigiram dela proteção para o acúmulo de mais riqueza. (*idem*: 78)

Já o desmantelamento da esfera privada traz consigo não só a perda da proteção contra tudo aquilo que existe no mundo, mas o resguardo necessário para preservar a iniciativa individual em detrimento da apatia:

Uma existência vivida inteiramente em público, na presença de outros, torna-se, como diríamos, superficial. Retém a sua visibilidade, mas perde a qualidade resultante de vir à tona a partir de um terreno mais sombrio, terreno este que deve permanecer oculto a fim de não perder sua profundidade num sentido muito real e não subjetivo. O único modo eficaz de garantir a sombra do que deve ser escondido contra a luz da publicidade é a propriedade privada – um lugar só nosso, no qual podemos nos esconder. (*idem*: 81)

No romance de Maria Velho da Costa, Myra representa o extremo de toda a situação descrita por Arendt: sua condição de imigrante ilegal não só a exclui da esfera social, cuja burocracia nem sequer pode reconhecer sua existência devido à completa ausência de documentos,²⁹ como também é-lhe renegado o abrigo da esfera privada, especialmente ao se considerar que se trata de uma criança abandonada pelos pais em um “semi-bordel” da Caparica.

É verdade que a obra não fornece ao leitor uma passagem que comprove de maneira categórica a última afirmação acima. No entanto, o próprio texto parece fornecer indícios que a sustentam. A primeira imagem fornecida ao leitor sobre a relação de Myra e seus pais aponta para a possibilidade de que o ocorrido esteve além do controle dos três: “Foi tua mãe uma fera?”, pergunta Myra a Rambo ao contar-lhe sua história, “Foi ela que te deixou cair dos queixos nas mãos dos maus donos, submissa à porrada? A mim foi” (COSTA 2008: 55-56). Contudo, em momentos posteriores do romance, as memórias de Myra insinuam uma crueldade ainda maior: “Kleber, pobre Kleber, fora um mestre do disfarce. Como a avó longe, **os brutos pais apenas entrevistados**” (*idem*: 65. Sublinhados meus). Também é significativo o modo como Myra reage ao acordar com uma lembrança da mãe à mente:

Nada mais lhe lembra. Myra sacode-se, não quer que venham a seguir as memórias dos açoites e das injúrias, a minguagem e a fadiga, na casa da Caparica. A troça na escola do seu trajar e do seu falar, remendados. *Ser a melhor no mundo*, pagar um sacrifício, da avó, deles, que não pedira. (*idem*: 148. Sublinhados da autora).

Nas passagens acima, a aproximação entre os sintagmas “disfarce” e “brutos pais”, bem como a necessidade da protagonista de

²⁹ Este aspecto é mencionado mais de uma vez no romance, a Kleber (p. 34) e a Orlando (p.169).

renegar a memória da mãe para que não “venham a seguir as memórias dos açoites”, assim como a ideia de um “sacrifício” que parte “deles”, sugerem que a situação de Myra origina-se do consentimento dos seus parentes mais próximos. É importante ressaltar esta condição de criança traída por ser este o principal catalisador das atitudes da personagem, como sua busca pelo Leste e pela avó, assim como sua resistência em confiar em quem a acolhe, como ocorre por muito tempo com Orlando, quem teme ser “um Barba Azul rapaz ainda” (*idem*: 117).

Mesmo que, evidentemente, não siga o raciocínio teórico acima utilizado, Myra demonstra entender o significado de sua exclusão das esferas descritas por Arendt: “A minha vida não é igual às outras, Rambô. Fui proibida de existir. Fui roubada de poder ser” (*idem*: 55). Sabe também que, sem um espaço físico para denominar como sua esfera privada, está forçosamente à mercê de constantes riscos, como bem demonstra seu medo ao conhecer Kleber: “Pode-se ser morto e esquartejado em qualquer lugar, mas Myra, ladina, não tinha muito por onde escolher” (*idem*: 35).

O último recurso da personagem acaba por ser a criação e a defesa da última esfera descrita por Arendt, a esfera da intimidade, constituída apenas pelo seu nome verdadeiro³⁰ e o de seu cão, assim como a verdadeira história de ambos. Suas mentiras não cumprem apenas o dever de garantir sua sobrevivência, mas proteger também este tênue espaço íntimo, sua última posse frente a uma esfera social que lhe negou tudo.

Um exemplo deste valor é o modo como explica o porquê de seu nome continuar em segredo mesmo após o início de seu relacionamento com Orlando: “Myra continuava a não dizer o seu nome, nem o do cão, porque eram as últimas **arras** que guardava para seu amor” (*idem*: 177. Sublinhado meu).

30 Myra adota o nome Sónia no capítulo 2, Sophia durante sua estadia na Casa Grande (capítulos 3 a 7), Maria Flor no encontro com Frei Bento (capítulo 9), Helena (capítulo 10) e Ekatarina (também Catarina, ou Kate) após o encontro com Orlando (capítulos 11 a 22).

Seguindo ainda esta leitura, parece também evidente que a intimidade como resistência é descoberta ainda no bordel da Caparica, onde aprendera a masturbar-se (*idem*: 105) e tivera seu contato com a Literatura. O primeiro exemplo assume importância por ser talvez o único modo que lhe restou de sentir-se dona do seu próprio corpo. Já a Literatura, e posteriormente também o Cinema, tornam-se os substitutos da educação de Myra, bem como a ferramenta para que nunca se perca de si. A arte acaba mesmo por cumprir os papéis destinados tradicionalmente às figuras materna e paterna, quando, por exemplo, a personagem lembra dos muitos livros que leu “a esmo sem que ninguém a consolasse” (*idem*: 59).

Mas esta relação, todavia, é mais do que uma simples forma de escapismo, pois seu envolvimento com as artes parece mesmo responsável pela sua consciência perante o mundo e a situação em que vive, o que a diferencia de personagens como Bebel, a jovem prostituída no Porto, e a cafetina Adalgisa, que vivem situações semelhantes a de Myra. Ambas são descritas como vencidas pelas circunstâncias a que foram forçadas a viver: “E não tinha, mau coração. Era mais um dos horrendos azares da existência, Dona Adalgisa, um algoz da prepotência obediente. Cumpro ordens que não me cumpre decifrar” (*idem*: 217). O mesmo raciocínio conduz a irônica descrição de Bebel: “A Portuguesa. A que se não tem cão, caça com gato que é ela própria: graça, inteligência, talentos e artimanhas. Até poder poder. Ladina Bebel. Invicta Bebel” (*ibidem*).

Para reforçar o papel da arte na vida da personagem, pode-se citar a leitura proposta por Nuno Júdice à cena de abertura do romance, em que afirma que Myra corre em direção às gaivotas, contrariando o que a mãe ensinara (*idem*: 10), como forma de exorcizá-la da memória (JUDICE 2009: 251). Desconstruídas as imagens dos pais, é lícito crer que os livros e os filmes atuam como substitutos, mais uma razão por que Myra “fala como um livro aberto” (*idem*: 59).

A esse respeito, é marcante que as reflexões da personagem sejam constantemente associadas a exemplos extraídos do universo da

arte, como quando reflete sobre sua tentativa de assassinar Mafalda: “As tripas na alma, é o que faz **o crime e o castigo**. À senhora **Macbeth** foi isso o que lhe aconteceu. Subiram-lhe as víceras às mãos, numa sangueira que ninguém via” (*idem*: 60. Sublinhados meus).

É também à arte que a personagem recorre quando a apatia começa a vencê-la:

Fiddledee, lérias, diz Myra, continuando aos tropeços. Sabia de cor tiradas de Vivien Leigh em **Scarlett**. Isto é da fome, Rambô, e do medo, são maus conselheiros. Eu não fujo, eu vou contigo para algum lado. *Home*, disse como o ET, *home*. Para algum sítio. Só não sabemos onde é. (...) (*idem*: 89. Sublinhados da autora)

Contudo, como já se explicou acima através de Arendt, a esfera da intimidade não possui a resistência necessária frente à esfera social: já não sendo forte o suficiente àqueles detentores de um lugar só seu, sem dúvida não constituiria salva-guarda eficiente a alguém forçado a viver sua existência em completa exposição. Por isso, o projeto de Myra de sobreviver em fuga por toda a Europa até a Rússia já iniciara falho.

É neste sentido que a Casa Grande e a Casa Branca constituem espaços de esperança. Todavia, o modo como ambas se relacionam à dicotomia público/privado realça ainda mais suas diferenças. Embora ambas possam ser entendidas como uma resistência à crescente padronização da esfera social, pois são dedicadas ao desenvolvimento das aptidões pessoais de seus proprietários, além de abrigar párias sociais,³¹ parece claro que, na Casa Grande, o preço a se pagar é o sacrifício da privatividade ao olhar quase onipresente de Mafalda:

31 A própria Mafalda explica que já é acostumada a ter «criaturas de alto risco em casa» (*idem*: 40), o que é reforçado ao lembrar a Myra «(...) não tenho de acreditar em ti para te ter aqui». Quanto à casa de Orlando, a narradora é explícita: «Todos tinham segredos que a casa abrigava» (*idem*: 180).

Nem menina, nem moça, nem rapariga. Nada naquela voz que indicasse um carinho, um desrespeito, uma pena. Nada. Myra (e o seu cão) estavam à mercê. Daqueles olhos e voz de predador. Sem mais mercê do que aquela que ela quisesse outorgar. (COSTA 2008: 39)

Por tudo que se disse acima, Myra não pode pagar o preço da Casa Grande, e, se é verdade que toma a decisão de matar Mafalda para impedir o sacrifício de Rambô,³² parece pesar também na decisão o medo de que o narcisismo de Mafalda não compreenda a fuga de sua pretensa discípula e denuncie-a.

Não se trata de inocentar a protagonista, mas o fato põe em suspenso o simples entendimento dicotômico entre certo/errado. Michael Foucault afirma que os binômios certo/errado e verdadeiro/falso também atuam como operadores de um sistema de exclusão. A própria “palavra da lei” se sustenta através de um “discurso verdadeiro” (FOUCAULT 1971: 19). A atitude de Myra parece ir ao encontro deste debate. Como observa Foucault: “talvez, não haja erros em sentido estrito, porque o erro só pode surgir e ser decidido no interior de uma prática definida” (*idem*: 33).

À luz das regras da esfera social, Myra incorreu em uma falta. Mas, se é mesmo necessário pertencer a um sistema para estar “no verdadeiro” (*idem*: 34), no “certo”, como aplicar as regras da esfera social a alguém que não lhe pertence? O romance evidencia essa dúvida, e não parece ser dado ao leitor o direito de passar incólume a essa reflexão.

Entretanto, não parece também prudente ignorar as duas reações bastante adversas da protagonista frente ao ocorrido. Primeiramente, afirma-se: “Myra não tem remorso, nem culpa. Tem medo, porque os fantasmas assombram quando querem” (COSTA 2008: 67). Algo que, posteriormente, sabemos não ser inteiramente verdade, quando, já es-

32 Mafalda, mesmo com os protestos de Kleber, decide sacrificar Rambô: «Se o cão for abatido longe da vista, ela entende. É a lei da força» (*idem*: 52).

tabilizada na casa de Orlando, descobre pela televisão que Mafalda está viva: “Myra estava estupefacta. Matara e não matara. Não fazia dela menos assassina, o que conta é a intenção, mas sempre era um alívio. Uma prenda imensa” (*idem*: 136). E acrescenta: “Graças a Deus, às vezes a maldade é estúpida. Paz à sua alma viva” (*idem*: 138).

Quanto a Orlando, o seu respeito pela esfera privada de Myra é mais um elemento que separa a dinâmica da Casa Branca da Casa Grande, como demonstra uma de suas primeiras falas ao hospedá-la: “Não me faças muitas perguntas, nem eu a ti, que é para não termos que mentir um ao outro” (*idem*: 99). Orlando representa a mais forte esperança de Myra por entender que a relação de ambos só poderá estabelecer-se com um grau recíproco de confiança: ele também tem seus segredos, e confessá-los aos poucos é um modo de deixá-la confortável, mas também assume igual importância o fato de perceber que Myra precisa ser reinserida na esfera social para que não mais se sinta “proibida de existir”, e que conquiste assim o direito de ficar por opção:

- Não tenho documentos nem nome certo. Não tenho nada excepto um cão.
- Uma identidade também se forja e também se compra, Catarina. (*idem*: 169)

Em mais de uma ocasião, Orlando demonstra entender que alguém que viveu como pária jamais suportaria viver se não fosse em liberdade:

- Não precisas de ficar comigo toda a vida, Ekatarina. És jovem, quase uma criança. Podemos ter um casamento aberto. Tu vais e vens e eu fico, sou um aleijado do corpo e do coração. Não é justo.
- Criança és tu, e estúpido, como todos os homens. (...) Eu nunca tive outro grande amor, e por aqui fico.

– Tonta, tonta. Sabes lá o que é a vida e o que nos reserva de surpresas, de repetições inesperadas. (*idem*: 177)

Essa “repetição inesperada”, entretanto, viria na forma da perda de tudo que Myra conquistara: a morte de Orlando, a inevitável separação de Rambô e a impossibilidade de adentrar a esfera social, ou seja, o retorno a sua condição de “roubada de poder ser”.

Assim, Myra já estava morta antes do suicídio, pois é esse o significado de permanecer para sempre excluída de uma esfera social que, como explica Arendt, desde meados do século XX “abrange e controla, igualmente e com igual força, todos os membros da sociedade” (ARENDT 1958: 50), proibindo, como reforça o romance de Maria Velho da Costa, os que estão de fora “de existir”.

Enquanto completa pária, Myra estava morta antes mesmo de conhecer Orlando, como bem explica Kleber: “Os antigos egípcios acreditavam que era um deus-cão, Anubis, que os conduzia na barca dos mortos” (COSTA 2008: 33). O que ela mata na derradeira página do romance, preocupada ainda em não machucar ninguém na queda, é seu invólucro.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

COSTA, Maria Velho da. *Myra*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2008

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Sampaio. 19. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

JÚDICE, Nuno. Recensão crítica a “Myra”, de Maria Velho da Costa. *Revista Colóquio/Letras*. Recensões Críticas, n. 172, p. 251-253, Set. 2009.